

Soberania e Educação

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Quem deve educar? Essa é uma pergunta fundamental. Sem dúvida, o soberano, aquele que está no controle absoluto tem o direito de educar. Mas quem é soberano? O homem ou Deus? Deus é o Soberano governador do céu e da terra. O homem não é um ser independente. Ele é uma criatura que deve obedecer a Deus em todas as *coisas*. Estudantes, pais, professores e o Estado não têm nenhuma opção, senão se submeter ao plano de Deus para a educação. Como o Soberano, Deus estabelece os padrões para a educação; ele determina quem pode educar; ele estabelece a natureza ética da educação; ele requer que sejamos testados; e finalmente, ordena que nos “graduemos”, que coloquemos nossa educação em prática.

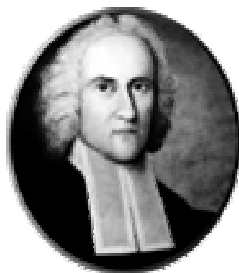
Pais, estudantes, professores e oficiais civis devem lidar com a questão da soberania. Os pais são responsáveis, diante de Deus, de educar seus filhos no caminho de Deus. Visto que Deus não dá jurisdição educacional ao Estado, a jurisdição educacional permanece com os pais. Entender como a educação molda as visões dos filhos, e assim a direção da nação, se torna a chave para abrir muita coisa da história. Os israelitas foram ordenados a passar o que tinham aprendido aos seus filhos (Deuteronômio 6:4-9) e foram advertidos das conseqüências de rejeitar a visão de Deus do mundo (Josué 1:7-9). Os efeitos de tal rejeição se tornam imediatamente evidentes na família, igreja e no Estado (cf. Juízes 2:6-23; 1 Samuel 2:12-17, 22-36; 8:1-22).

O salmista enfatiza como a soberania e o futuro da nação estão conectados. Embora possamos não ver o efeito imediato da questão da soberania na educação, as gerações futuras revelarão o resultado da educação baseada em Deus como o soberano: “Ele [Deus] estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda não haviam nascido e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos” (Sl. 78:5-7).

Para que a educação bíblica consistente floresça, os meios ordenados por Deus de cumprir diretrizes devem estar em vigor. Isso significa controle paternal e supervisão da educação (Deuteronômio 6:6-10; Salmos 127:3-5; Provérbios 22:6; Efésios 5:21-6:4; 2 Timóteo 3:15-17). Quando os pais abdicam dessa responsabilidade, e dão os seus filhos ao Estado para instrução

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

e doutrinação, podemos esperar que o domínio em nome do Deus Triúno seja encurtado e até mesmo anulado.



A Escritura chama os membros da igreja visível pelo nome de discípulos, alunos, ou aprendizes... A igreja visível... é a escola de Cristo, na qual as pessoas são admitidas... ao seu aprendizado de Cristo, e chegam a conquistas espirituais, no uso dos meios do ensino, da disciplina e da instrução, estabelecidos na escola.

- Jonathan Edwards

A primeira coisa que o governador babilônico déspota, Nabucodonosor, fez com os jovens israelitas capturados foi “lhes ensinar a cultura e a língua dos caldeus” (Daniel 1:4), para que pudessem “passar a servir o rei” (v. 5, NVI).

“Uma das ferramentas mais úteis na busca por poder é o sistema educacional” (Herbert Schlossberg, *Idols for Destruction*, p. 209). A implicação dessa declaração é óbvia: quem controla o sistema educacional estabelece os valores religiosos das pessoas, estabelece os objetivos da nação, e no final controla o futuro.² A Reforma do século 16 enfatizou a reivindicação de tudo da vida, com a educação sendo um ponto focal essencial. A educação deve ser centrada em Cristo, se a Reforma há de continuar. Samuel Blumenfeld escreve:

Visto que a rebelião Protestante contra Roma surgiu em parte como resultado de estudo e interpretação bíblica, tornou-se óbvio para os líderes protestantes que se o movimento da Reforma fosse sobreviver e florescer, a expansão de literatura bíblica, em todos os níveis da sociedade, seria absolutamente necessária. A Bíblia deveria ser a autoridade moral e espiritual em toda a vida do homem, e, portanto, um conhecimento íntimo dela era imperativo, se uma nova ordem social protestante fosse criar raízes (*Is Public Education Necessary?*, p.10).

Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha e João Calvino (1509-1564) em Genebra (Suíça), estabeleceram escolas para ensinar a Bíblia como a Palavra de Deus, aplicada autoritativamente a todas as áreas da vida. De fato, a Academia de Calvino em Genebra, fundada por João Calvino em 1559, atraiu estudantes de toda a Europa. Charles Borgeaud, um historiador sobre a Academia, escreve que “Calvino tinha alcançado sua tarefa: ele assegurou o futuro de Genebra... fazendo-a de uma só vez uma igreja, uma escola e uma fortaleza. Ela foi o primeiro baluarte da liberdade nos tempos modernos”. Os

² Ver o excelente livro do autor “*Whoever Controls the Schools Rules the World*”, publicado pela American Vision. (Nota do tradutor)

efeitos do treinamento em Genebra foram extensos: “Não foi apenas o futuro de Genebra, mas aquele de outras regiões também foi afetado pelo surgimento das escolas de Genebra. Os homens que haveriam de liderar o avanço da Igreja Reformada em muitas nações foram treinados nas salas de aula de Genebra, pregaram as doutrina de Genebra, e cantaram os Salmos nas melodias de Genebra” (John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, p. 196).

Em nossa nação [U.S.A.] um dos primeiros atos realizados no Novo Mundo foi o estabelecimento de escolas. O sistema Puritano copiou aquele de Genebra, em modelo e intento. O propósito dessas escolas coloniais era promover o evangelho de Cristo em todas as disciplinas.

A despeito da vocação para a qual um estudante está se preparando, a faculdade colonial buscava fornecer para ele uma educação que fosse distintamente cristã. Em Harvard o objetivo original da educação superior era “conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna (João 17:3), e, portanto, colocar a Cristo na base é o único fundamento de todo conhecimento e aprendizado sadio”. Yale, nos primórdios de 1700, declarou como seu objetivo primário que “todo estudante deveria considerar o fim principal do seu estudo conhecer a Deus em Jesus Cristo, e conseqüentemente levar uma vida piedosa e sóbria” (William C. Ringenberg, *The Christian College: A History of Protestant Higher Education in America*, p. 38).

O sistema educacional Puritano treinou igrejas e líderes civis. A ênfase, contudo, era treinar homens para que as gerações futuras não fossem deixadas com “um ministro iletrado”. O currículo de Harvard, por exemplo, enfatizava o estudo dos idiomas bíblicos, lógica, teologia e habilidades em comunicação (retórica e discurso público). As igrejas esperavam que seus ministros lessem as Escrituras nos idiomas originais. Em Princeton, mesmo aqueles que não entravam no ministério do evangelho, eram esperados conhecer “suas Bíblias de capa a capa”. Visto que o governo civil era uma grande preocupação nas colônias, cursos em ética, política e história também eram requeridos.

Muitos dos formuladores da Constituição, do século 18, estavam familiarizados com as doutrinas básicas da Bíblia. Esses conceitos bíblicos fundaram nosso sistema Constitucional político (e.g., poder político descentralizado, separação de poderes, uma forma republicana de governo, aversão à democracia, separação jurisdicional da família, igreja e Estado, um modelo para estabilidade no governo da lei, propriedade privada, o padrão ouro, a guarda do Dia do Senhor, e a proteção do culto cristão).

Cursos em direito e medicina também eram oferecidos, juntamente com astronomia, física, botânica, ciência e matemática. Durante o período colonial, desde 1636 quando Harvard foi estabelecida até 1769 quando Dartmouth foi fundada, quase todas as faculdades foram estabelecidas como instituições cristãs. Com o tempo, contudo, a ênfase mudou da educação

resolutamente centrada na Bíblia para uma filosofia do “Realismo do Senso Comum”, que colocou a razão num nível correspondente com a revelação especial. Sem dúvida, essa mudança não ocorreu da noite para o dia. Harvard mudou do seu fundamento Calvinista original para o Arminianismo, e então durante o século 18 para além, chegando até mesmo ao Unitarianismo. “A tomada de Harvard em 1805 pelos Unitarianos é provavelmente o evento intelectual mais importante na história da América – pelo menos do ponto de vista da educação” (Samuel Blumenfeld, *Is Public Education Necessary?*, p. 30).

Quase toda instituição educacional das colônias primitivas foi dominada por aqueles que negavam a Bíblia. Essas escolas de ensino superior agora treinam milhões de jovens que influenciam cada esfera da vida americana. Compare as aspirações educacionais de Harvard em 1636 com a Harvard de hoje:

“Toda criança na América entrando na escola com cinco anos de idade é mentalmente enferma, pois chega à escola com certa fidelidade para com nossos pais fundadores, nossos oficiais eleitos, para com seus pais, para com uma crença num Ser sobrenatural, para com a soberania dessa nação como uma entidade separada. Compete aos professores fazer bem a todas essas crianças doentes, criando as crianças internacionais do futuro” (Chester Pierce, Professor de Educação na faculdade de Medicina e Escola de Graduação de Educação, Universidade de Harvard).

Onde Cristo tinha sido considerado o fundamento de todo conhecimento, crer num “Ser sobrenatural” constitui agora enfermidade mental. Contudo, o dr. Pierce entende a importância da educação; é moldar “as crianças internacionais do futuro”. A educação pública (educação do Estado, controlada pelo Governo) é o meio pelo qual essas crianças serão moldadas.

Adolf Hitler usou a coerção para cumprir o seu objetivo de um futuro Nazista. Ao capturar os jovens por meio da educação, ele pôde implementar sua visão de uma nova ordem mundial, um reino milenar onde o homem governaria de acordo com a lei “iluminada” do homem. Em *Mein Kampf* Hitler enfatizou “a importância de persuadir e então treinar o jovem no serviço ‘de um novo estado nacional’” (William Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 248s.). Shirer mostra como Hitler usou a educação como uma arma para direcionar o futuro da nação:

“Quando um oponente declara, ‘Eu não ficarei do seu lado’”, disse ele num discurso em 6 de Novembro de 1933, “Eu calmamente digo: ‘Seu filho já nos pertence... O que é você? Você passará. Seus descendentes, contudo, estão agora num novo campo. Num breve período de tempo eles não conhecerão nada senão essa nova comunidade’”. E em 1º de Maio de 1937, ele declarou: “Esse novo

Reich não dará seus jovens a ninguém, mas tomará jovens e lhes dará sua própria educação e criação” (p. 249).

Todas as escolas alemãs “foram rapidamente Nazificadas”. O controle foi tomado dos pais e das autoridades locais, e “todas as pessoas na profissão de ensino, desde o jardim de infância até as universidades, foram compelidas a se unir à Liga Nacional Socialista dos Professores, a qual, por lei, era ‘responsável pela execução da coordenação ideológica e política de todos os professores de acordo com a doutrina nacional Socialista’” (p. 249). O Estado era apoiado “sem reservas”, e os professores tinham que jurar “ser leais e obedientes a Adolf Hitler” (p. 249).

Nossa nação adotou muita das idéias da Alemanha Nazista. O Estado é visto como o único educador legítimo. Os pais que não se submetem à nova ênfase podem ser multados ou presos, e seus filhos podem ser colocados em orfanatos. Os pais cristãos, de todo o mundo, devem tomar a responsabilidade pela educação de seus filhos, quer em casa ou delegando essa responsabilidade a professores e escolas que ensinem a partir de uma perspectiva centrada em Cristo. Não existe outra opção. A batalha pelo futuro descansa nas mãos dos nossos filhos. Entregaremos-os a um sistema educacional que despreza o Deus que os criou? Deus considera os pais responsáveis pela educação dos *Seus* filhos.

Sumário

“É claro, então, que a educação deve ser religiosa, e é compreensível, portanto, porque os cristãos, desejando proteger suas liberdades religiosas, estejam necessariamente, no mínimo, preocupados com os esforços do Estado de intervir na área dos programas cristãos de educação. Mas para muitos, que talvez ainda não entenderam plenamente as implicações do caráter religioso de toda educação, a crise educacional, não importa o que mais esteja envolvido, sempre volta à simples questão de: ‘Se o Estado não deve regular ultimamente a educação de nossos filhos, assegurando contra a negligência acadêmica da criança, quem deve fazê-lo?’. Mas a preocupação principal do Estado em supervisionar a educação das crianças nunca foi o desenvolvimento educacional da mesma, mas meramente seu controle sobre o processo educacional” (Blair Adams e Joel Stein, *Who Owns the Children: Compulsory Education and the Dilemma of Ultimate Authority*, p. 9).

Fonte: *God and Government – volume 3*,
Gary DeMar, p. 245-9 e 252.